

A ATITUDE HERMENÊUTICA NA EDUCAÇÃO

Junior Jonas Sichelero

COLEÇÃO
FRONTEIRAS da EDUCAÇÃO



Editora UNIJUÍ

COLEÇÃO
FRONTEIRAS da EDUCAÇÃO

Junior Jonas Sichelero

A ATITUDE HERMENÊUTICA NA EDUCAÇÃO



Editora UNIJUÍ

Ijuí
2022

©2022, Editora Unijuí

Editor

Fernando Jaime González

Diretora Administrativa

Márcia Regina Conceição de Almeida

Capa

Alexandre Sadi Dallepiane

Imagem de capa:

www.freepik.com

Responsabilidade Editorial,
Gráfica e Administrativa

**Editora Unijuí da Universidade Regional
do Noroeste do Estado do Rio Grande do
Sul (Unijuí; Ijuí, RS, Brasil)**



Rua do Comércio, 3000
Bairro Universitário
98700-000 – Ijuí – RS – Brasil



(55) 3332-0217



editora@unijui.edu.br



www.editoraunijui.com.br



fb.com/unijuieditora/



instagram.com/editoraunijui/

Catálogo na Publicação:

Biblioteca Universitária Mario Osorio Marques – Unijuí

S565a

Sichelero, Junior Jonas

A atitude hermenêutica na educação [recurso impresso e eletrônico] / Junior Jonas Sichelero. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2022. – 230 p. – (Coleção fronteiras da educação).

Formato impresso e digital.

ISBN 978-85-419-0346-2 (impresso)

ISBN 978-85-419-0347-9 (digital)

1. Hermenêutica. 2. Filosofia da educação. 3. Heidegger. I. Série. II. Título.

CDU: 37.01

Bibliotecária Responsável:

Ginamara de Oliveira Lima
CRB10/1204

Editora Unijuí afiliada:



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

FRONTEIRAS DA EDUCAÇÃO é um projeto editorial da Editora Unijuí, vinculado a um conselho editorial interinstitucional, que visa à publicação de pesquisas que, com criatividade e ousadia, apresentam contribuições significativas e inovadoras para a área da educação. Atendem ao perfil dessa coleção as pesquisas que, emergindo do campo da educação, propõem revisões críticas em nível dos seus pressupostos, apontando para novas perspectivas em termos epistemológicos, éticos, axiológicos, estéticos, políticos, etc., e conseguem estabelecer um diálogo crítico e fecundo com outras ciências e outros campos de reflexão, como a Filosofia, a Psicologia, a Sociologia, a Estética e a Psicanálise.

Conselho Editorial

- 1 – Jacques Therrien (UFC) – Filosofia e Pedagogia
- 2 – Gaudêncio Frigotto (UFF) – Filosofia e Economia
- 3 – José Carlos Libâneo (UFG) – Pedagogia
- 4 – Magda Becker Soares (UFMG) – Linguagem e Alfabetização
- 5 – Valdemar Sguissardi (Unimep) – Política da Educação
- 6 – Elenor Kunz (UFSC) – Educação Física
- 7 – Janete Bolíte Frant (Uniban-SP)
- 8 – Lúcio Kreutz (UCS) – História e Filosofia da Educação
- 9 – Margareth Schaefer (UFRGS) – Psicologia e Pedagogia
- 10 – Valeska Fortes de Oliveira (UFSM) – Pedagogia
- 11 – Vânia Dutra de Azeredo – (PUC-Campinas) – Filosofia

Comitê de Redação

- 1 – José Pedro Boufleuer – Presidente
- 2 – Catia Maria Nehring
- 3 – Helena Copetti Callai
- 4 – Fernando Jaime González

*Para:
Ivana – em reconhecimento ao amor
e à mão que me sustentam.*

AGRADECIMENTOS

Por ter partilhado e subsidiado paritariamente todo o processo do qual o presente livro é resultado, agradeço à doutora Clarice Salete Traversini, com quem dividi parte de minha vida acadêmica e de quem guardarei eterna saudade. Pela ajuda na decifração de leituras e passagens duvidosas, agradeço aos doutores Ireneo Antônio Berticelli, Alfredo Veiga-Neto, Samuel Edmundo Lopez Bello e à doutora Nadja Hermann. Meu agradecimento também aos colegas de Pós-Graduação pelas conscienciosas influências sobre a redação preliminar e, mais uma vez, ao professor Ireneo Antônio Berticelli por tantas vezes ter me afastado de grandes ingenuidades. A estes, e a todos aqueles que estiveram afetivamente presentes, meus sinceros agradecimentos.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	13
INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1	
PREPARAÇÃO E MÉTODO	23
A Ciência como Teoria do Real.....	23
A Tarefa do Pensamento.....	31
A Linguagem como Elemento Constitutivo do Pensar no Contexto de uma Racionalidade Hermenêutica	45
CAPÍTULO 2	
A LINGUAGEM COMO BASE MATERIAL DA INSTAURAÇÃO DE SENTIDO EM EDUCAÇÃO.....	57
A Linguagem e a Desnaturalização da Metafísica.....	58
A Linguagem como a Morada do Ser: uma leitura a partir do movimento hermenêutico de Heidegger.....	64
O Que Significa <i>Falar</i> ?	
Da noção clássica da linguagem à leitura heideggeriana.....	72
A Saga do Dizer e o Acontecimento Apropriador do Aprender.....	77
A Linguagem como Norma: o fio condutor do compreender e do interpretar.....	95
O Educar como um Acontecimento de Linguagem Motivado no Horizonte Hermenêutico do Perguntar e do Responder.....	111

CAPÍTULO 3

PENSAR, COMPREENDER E INTERPRETAR:

A EDUCAÇÃO COMO UM ESPAÇO HERMENÊUTICO

DE INTERAÇÃO COMUNICATIVA121

A Composição Estrutural da Interpretação
e sua Realização Hermenêutica122

A Educação como um Espaço Hermenêutico.....143

O Agir Pedagógico e a Liberdade das Coisas.....155

O λόγος Como Discurso170

CAPÍTULO 4

EDUCAÇÃO E SINGULARIDADE:

O CUIDADO COMO A ATITUDE HERMENÊUTICA DO DEIXAR SER181

O Conceito de uma Atitude Hermenêutica
e seu Limiar Epistêmico:
o impessoal, o cuidado e a singularidade da presença.....182

Por uma Atitude Hermenêutica
no Horizonte da Dinâmica da Vida:
o pensar e o conhecer como um modo de ser-no-mundo.....207

CONCLUSÃO221

REFERÊNCIAS.....225

PREFÁCIO

Ter-se dado conta do *linguistic turn* (virada linguística) ainda não é fato totalmente corrente, em educação. E, nas últimas décadas do século 20, até os nossos dias, ocorreu um fenômeno muito interessante: educadores da Educação Física, em nosso país, vêm ganhando destaque e visibilidade no campo da educação em geral, com importantes produções científicas resultantes de profunda reflexão, em que dedicam tempo e espaço editorial com a fundamentação teórica das ações próprias de seu campo acadêmico e profissional.

Nesta esteira, cito apenas alguns nomes de professores de quem me aproximei, tanto sob o ponto de vista do acesso às suas publicações quanto, e por consequência disso, estreitei laços de amizade pelo compartilhar do conhecimento. Assim, cito os nomes de Elenor Kunz, Valter Bracht, Felipe Quintão de Almeida, Ivan Marcelo Gomes, Paulo Evaldo Fensterseifer e Ricardo Rezer, todos profissionais da Educação Física. Este rol constitui apenas uma amostra dos educadores desta área do conhecimento.

Mais um nome está entrando para este belo cenáculo de educadores desta área que estão levando as fronteiras da Educação Física e da educação em geral para bem mais adiante, qualificando-a com profunda incursão teórica que possibilita lançar fundamentos muito sólidos para os quefazeres da Educação Física e, por extensão, à educação brasileira em geral. Trata-se do jovem autor do livro *A atitude hermenêutica na educação*, Junior Jonas Sichelero, que ora me dá o prêmio de prefaciá-la sua obra, depois de me ter agraciado pela escolha de ser seu orientador de dissertação de Mestrado.

Na introdução à obra, Junior dá a largada com uma assertiva que guia todo seu pensamento, ao logo de uma produção densa e profunda: “A concepção que se encontra na base do presente livro é a de que *a linguagem constitui o solo elementar de todo o fenômeno educativo*” (grifo meu). Com esta afirmação, Junior estabelece o enlace fundante e definitivo com a filosofia da linguagem. E esta, não como mero instrumento de comunicação, mas como o que produz mundo: “[...] o solo em que o homem existe e se move, retira e sustenta toda a possibilidade de ser”.

Não é ocioso afirmar que Junior se lançou, corajosamente, a uma tarefa agigantada, quando adotou o pensamento de Martin Heidegger para dar sustentação argumentativa a seu estudo. E não se lançou nem titubeante, diante da complexidade de *Ser e tempo*, nem por meias palavras. Usando uma expressão popular, “foi com tudo”. Assumiu por inteiro a hermenêutica como teoria, mantendo-se estritamente na perspectiva da hermenêutica heideggeriana, sem apequená-la, sem trair-lhe um só conceito. Pelo contrário, fazendo dela a grandeza de sua abordagem. E isso, seguramente, não é tarefa fácil. Acompanhei, ainda que de longe, o processo de sua produção e sei do rigor que se impôs, para acompanhar, de forma legítima, o pensador da Floresta Negra em seu pensar. Abraçou com serenidade e com muito rigor e coragem o pensamento pós-estruturalista, desde o tempo em que orientei sua dissertação de Mestrado.

Ninguém, mormente entre os educadores brasileiros, ignora a força com que a educação foi pensada, a partir das teorias críticas, no século 20. A teoria crítica de base marxista se impôs, hegemônica, da década de 60, até a década de 90, soando quase que como um instrumento monocórdio. Com isto, nem de longe deve ser desmerecida, nem se pode ignorar os frutos sazonados que produziu, em educação, sem olvidar que atravessou incólume o período da ditadura militar, o que é admirável. Sabe-se, também, com que ranço foram recebidas as perspectivas teóricas pós-críticas, pós-estruturalistas, pós-modernas ou seja lá com que nome se as denomine. Isso aconteceu no âmago de grandes e respeitabilíssimas instituições educacionais. Mesmo entre as maiores e mais famosas. Quando, na década de 80, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na qual Junior Jonas cursou seu Doutorado, os albos do pensamento pós-crítico/pós-estruturalista e foucaultiano começaram a ascender, a grita se levantou contra ele, em muitas partes, principalmente nos grandes redutos do pensamento educacional dito *crítico*, não sem grandes ganhos para aquele pensamento novo, entre nós, os brasileiros. A crítica nos torna mais cuidadosos. Mais rigorosos. Nesse sentido, a crítica tornou o novo pensar um tanto mais rigoroso.

Querelas à parte, a década de 90 representa, no Brasil, uma importante virada educacional, pelo dar-se conta da assim chamada *virada linguística*. Não se trata de um movimento educacional hegemônico, tampouco está no horizonte de suas pretensões a hegemonia, no que quer que seja.

Tracei, em brevíssimo bosquejo, este quadro, para compreender onde se situa o livro de Junior Jonas Sichelero, e como se originou, no contexto do pensamento educacional brasileiro contemporâneo. Junior bebeu das águas originárias deste pensamento, primeiro, na Universidade Comunitária da Região de Chapecó, que repercutiu o que foi aprendido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e, a seguir, lá mesmo, nesta grande universidade brasileira alcançou seu Doutorado em Educação. Naturalmente, ao tempo da produção do livro por Junior, o pensamento pós-crítico em educação já se havia expandido pelos quatro quadrantes do mundo e, igualmente, de nosso país. Nem por isto a ousadia e coragem foram menores, para um professor que atuava e continua atuando no magistério público do Ensino Fundamental catarinense.

Esta obra acaba por sedimentar e consolidar *a busca da legitimidade epistemológica da prática educacional numa perspectiva pós-moderna*, a que se propôs, já em sua dissertação de Mestrado. Grande parte das críticas, por vezes contundentes, contra o pensar educacional em perspectivas pós-críticas centraram-se na própria contestação de sua legitimidade. Aí foi gestado o problema de uma nova pesquisa, ou seja, qual seria o caminho que poderia levar a pensar a educação em perspectivas pós-modernas, sem tropeçar nas próprias cordas do pensamento pós-crítico. E, então, Junior intuiu com segurança que a linguagem é esse “porto de chegada e de partida” para pensar toda a realidade do ser e, em específico, *o ser da educação*.

Foi assim que Junior partiu, de forma semelhante à partida de Dante Alighieri, no primeiro canto da segunda parte de sua *Divina comédia* (O purgatório): “Per correr miglior acque alza le vele/omai la navicella del mio ingegno,/che lascia dietro a sé mar sì crudele; [...]”. Junior também se lançou ao mar, com sua pequena nau, para enfrentar um mar revolto: a opção pela hermenêutica heideggeriana. E a primeira questão que se colocou não desmente sua ousadia: “*É possível fazer educação com base numa concepção ontolinguística de seu fenômeno?*”

O insigne professor doutor Alfredo Veiga-Neto, participe da banca examinadora da tese de Doutorado de Junior, que agora resulta neste livro, dizia, naquela oportunidade, que é bem difícil encontrar jovens dispostos ao sacrifício prazeroso da feitura de dissertações e teses com a profundidade que esta obra representa. Este estudo avança muito e muito além do que simplesmente engendrar habilidades e competências para atender à sanha do grande capital/mercado. Ao invés de olhar para as mercadorias que “precisam” ser vendidas para que o voraz mercado cresça,

mesmo que à custa de vidas humanas sem sentido, Junior olhou para o próprio ser humano e se perguntou qual seria a atitude do educador para melhor compreender o sentido profundo da educação, de seus processos, para ir ao encontro da busca de completude humana que se sabe nunca plenamente alcançada, mas que pode, sim, ser constantemente buscada.

Então, Junior Jonas foi ao âmago da questão e propôs a *atitude hermenêutica* como caminho possível. E ao largo de muita reflexão, traduzida em muitas páginas escritas, Junior foi tracejando esse *caminho de bosque* que nos leva a todos os lugares e a nenhum lugar exclusivo e único. Foi direto ao coração da questão educacional: a sua *ontologia*, ou seja, ao *desvelamento* de seu ser *ontolinguístico*, ou seja, seu ser que é filho da linguagem. Em outras palavras: a *invenção* realizada pela linguagem. E, para um melhor entendimento das preocupações do autor do livro, é bom que se entenda que *inventar* tem forte ligação etimológica/semântica com a palavra latina *invenire* – encontrar, ir ao encontro. O “ir” está explícito no prefixo “in”, que indica movimento ao encontro de. E *venire* – vir, indica esse movimento de ir ao encontro. Assim, Junior promove um profundo e singular encontro com o *ser da educação*. E o caminho que adotou é a atitude hermenêutica, ou seja, a atitude da ciência e arte de interpretar.

Ainda que o autor se tenha mantido fiel à hermenêutica heideggeriana, ele não poderia ignorar a hermenêutica gadameriana (hermenêutica filosófica), pois Hans-Georg Gadamer, o mais conhecido e ilustre aluno de Heidegger, reconhece, ele mesmo, o quanto deve ao pensamento de Heidegger para poder ter produzido, ele mesmo, uma verdadeira reinvenção da hermenêutica, a partir daquela do próprio Martin Heidegger. Aliás, Gadamer, em seus dados biográficos de *Verdade e método*, confessou que sempre que escrevia, tinha a impressão de que seu mestre o estava espiando por sobre seu ombro. Assim, Junior se moveu constantemente na senda heideggeriana, mas não esqueceu de olhar com a devida atenção para os caminhos de uma hermenêutica, a hermenêutica filosófica de Gadamer que foi, também aqui no Brasil, de pronto acolhida pelos pensadores da educação da primeira hora do pensamento pós-crítico, pós-estruturalista. Nisso, Junior foi justo. Pagou o tributo devido a Gadamer, sem perder de vista seu fio condutor: o pensamento heideggeriano. E isso só se consegue fazer com rigor, com muito estudo, com muita dedicação, com muita paixão pela causa a que se propôs, neste livro.

Longe, muito longe de ser “mais um livro” do campo educacional, esta obra se constitui num marco notável no pensamento educacional, nascido do interior do Estado de Santa Catarina para o mundo. Exagero

meu? Posso, sim, até ser suspeito. Ainda assim, convido os leitores a testemunhar a verdade de minha assertiva aparentemente “entusiástica”. E a única maneira de optar pelo sim ou pelo não, é lançar-se à leitura da obra, com aquela atitude de Dante Alighieri, expressa em sua *Divina comédia*, que além de confiar em sua própria engenhosidade, ao galgar o lugar mais alto, o paraíso, agarrou-se ao cordão de São Francisco de Assis. E, para educadores, não há outra opção senão agarrar-se àquele cordão: muito estudo, muita reflexão, muito exercício do pensamento e de uma paixão incontida pelo nosso compromisso de educadores. Esta obra é um convite a tudo isso, feito por um jovem, bem jovem e corajoso. Vale a pena.

Chapecó, primavera de 2021.

Ireno Antônio Berticelli